

**18° Congresso Brasileiro de Sociologia  
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)**

Grupo de Trabalho: GT 35 Juventudes, Velhices e Construções Identitárias  
Coordenadoras: Alda Britto da Motta (UFBA) e Isolda Belo da Fonte (Fundação  
Joaquim Nabuco)

**Perfil e aportes em domicílios compostos por avós e netos**

Glaucia dos Santos Marcondes (NEPO/Unicamp)

# Perfil e aportes em domicílios compostos por avós e netos<sup>1</sup>

## Introdução

Informações censitárias do período de 1970 a 2010 apontam que os domicílios brasileiros, particulares e permanentes, continuam sendo majoritariamente compostos por pessoas aparentadas, ou seja, por famílias. Em 1970, cerca de 68% da população brasileira vivia em um domicílio que era composto por um casal com filhos, em 2010 essa proporção caiu para 48% da população. Isso significa que atualmente menos da metade da população brasileira vive em domicílios cuja composição contenha um casal com filhos, se distribuindo em outros tipos de arranjos que até então eram relativamente menos frequentes, como os monoparentais - compostos destacadamente por uma mãe e seus filhos -; aqueles apenas com um casal ou ainda em domicílios unipessoais. (OLIVEIRA, VIEIRA, MARCONDES, 2015)

Por outro lado, os dados censitários também revelam que em 1970, 17% dos brasileiros residiam em domicílios em que coabitavam casal, filhos e outros parentes, passando a ser 25% em 2010. No caso do arranjo monoparental com outros parentes essa proporção foi de 2,4% para 8,1%. Isso significa que a experiência de convivência de mais de duas gerações familiares sob o mesmo teto tem apresentado um certo crescimento relativo para o conjunto da população brasileira. Embora essas composições apresentem um peso relativo pequeno, a tendência tem sido de crescimento e reflete mudanças na dinâmica demográfica que são importantes para pensarmos sobre o presente e o futuro das famílias. (OLIVEIRA, VIEIRA, MARCONDES, 2015; WAJNMAN, 2012)

Este artigo divide-se em um primeiro item de discussão dos principais pontos do debate nas Ciências Sociais e, particularmente, na Demografia sobre as famílias multigeracionais. Em seguida, aborda as fontes e aspectos metodológicos e alguns dos principais resultados de estudo que teve por objetivo traçar o perfil e discutir as possíveis mudanças dos domicílios multigeracionais no Brasil. Nesse trabalho será dada atenção destacada às características dos domicílios integrados por avós e

---

<sup>1</sup>Esse artigo foi elaborado a partir dos conteúdos do Relatório Final do Projeto “Famílias Multigeracionais: processos sociodemográficos e as transformações na composição doméstico-familiar no Brasil a partir de 1970.”. Projeto financiado com recursos do Edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES no 43/2013 para Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

netos, visando contribuir para o debate sobre as trocas intergeracionais nas famílias contemporâneas brasileiras.

## **1. As famílias em um contexto populacional de baixa fecundidade e maior longevidade**

Duas intensas mudanças na dinâmica demográfica brasileira que nos auxiliam a pensar sobre as transformações nas famílias merecem destaque. Uma delas diz respeito a nossa conquista de longevidade. A melhora progressiva das condições de saúde e de vida da população, reduzindo significativamente a mortalidade, principalmente a infantil, fez com que a expectativa de vida ao nascer dos brasileiros que não superava a média de 42 anos, em 1940, atingisse em 2015 a média de 75,5 anos. Ou seja, em média, estamos vivendo mais. Não menos impressionante foi a nossa transição de altos para baixos níveis de fecundidade. A partir da década de 1960 experimentamos um processo rápido e de grande redução no número médio de filhos por mulher, passando de uma média de 6 filhos para 1,9 filhos, em 2010. E que continua em queda<sup>2</sup>. (OLIVEIRA, VIEIRA, MARCONDES, 2015; CAVENAGHI, BERQUO, 2014; WAJNMAN, 2012; ALVES, CAVENAGHI, BARROS, 2010; LEHR, 1999)

A combinação desses processos tem resultado na ampliação das possibilidades de se viver e interagir com um número diversificado de posições sociais e geracionais ao longo do curso de vida. Pode-se, por exemplo, passar mais tempo na condição de filho/a solteiro/a residindo com os pais em decorrência de um prolongamento da escolarização. O que, conseqüentemente, pode levar à postergação de outras fases da vida como a entrada no mercado de trabalho, a formação do par conjugal e da família de procriação. Torna-se uma sociedade mais longeva pode significar também maior tempo de convivência entre pais e avós ou até mesmo bisavós. Na atualidade e para o futuro não apenas há mais possibilidades de se vivenciar um número maior e mais duradouro de posições geracionais ao longo da vida, como igualmente de se expandir o potencial das trocas entre duas, três ou mais gerações de uma mesma família. Pode ser propiciador tanto de uma maior interação,

---

<sup>2</sup> Dados recentes divulgados pelo IBGE, em Brasil em Síntese, apontam para uma Taxa de Fecundidade Total de 1,72 filhos por mulher em 2015. Ver detalhes em <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/taxas-de-fecundidade-total.html>

cooperação e exercício de influência intergeracional, quanto intensificar conflitos, pressões e demandas geracionais. (WAJNMAN, 2012; BRITTO DA MOTTA, 2010 e 2011; MURPHY, 2010; BEGTSON, 2001; LEHR, 1999)

A tendência continuada da combinação entre baixa fecundidade e reduzidos níveis de mortalidade em idades avançadas resultaria com o passar do tempo na verticalização das famílias. Trata-se do aumento dos parentes em linha ascendente e descendente (bisavós, avós, pais, filhos, netos, bisnetos) e diminuição dos parentes colaterais (menos irmãos, tios e primos, por exemplo). Ao invés de uma árvore genealógica com galhos expandidos, a família seria mais apropriadamente representada por um pé-de-feijão – de tronco estreito, comprido e ramificações mais finas e escassas. Configuram-se enquanto famílias multigeracionais, mas com poucos integrantes a cada geração. (WAJNMAN, 2012; MURPHY, 2010; BEGTSON, 2001)

Tal perspectiva é acompanhada por indagações acerca das múltiplas demandas de cuidados e de suportes – financeiros, estruturais, emocionais - que envolveria a coexistência e, em alguns casos, a coabitação entre várias gerações de parentes, que dada a tendência de redução em seu número podem ampliar conflitos familiares a respeito dos direitos e deveres atribuídos a cada integrante, em suas posições de gênero e geração. (WAJNMAN, 2012; MURPHY, 2010; BEGTSON, 2001; LEHR, 1999). Não é difícil supor a sobrecarga que pode representar para os membros responsáveis, principalmente, para os que desempenham papel de cuidadores. Invariavelmente, as mulheres. Há uma produção crescente que justamente chama atenção para a chamada “geração sanduíche”, que é composta majoritariamente por mulheres adultas que cuidam tanto de netos dependentes quanto de seus próprios pais em idades avançadas. Em uma revisão da bibliografia internacional sobre a “geração sanduíche”, Jesus (2015) aponta que grande parte dos estudos ressaltam aspectos negativos para o bem-estar daqueles que representam essa geração, que esmagadoramente são mulheres. As pressões e tensões cotidianas afetariam de forma intensa as condições de saúde e emocionais dessas mulheres. Os homens tenderiam a apresentar uma condição mais favorável pois em grande medida seriam mais os que estão sendo cuidados, do que desempenhando papel de cuidadores.

No Brasil, Britto da Motta (2012) há mais de uma década vem desenvolvendo suas pesquisas qualitativas com segmentos de centenários na Bahia e tem discutido

as tensões e conflitos geracionais que emergem desses contextos de famílias multigeracionais. E particularmente das mulheres que representam essa geração sanduíche, que a autora denomina como “geração pivô”. Britto da Motta (2012) ainda chama atenção para o fato de que enquanto os centenários representam um grupo identificável de forma precisa, a geração pivô ou sanduíche varia conforme seu referencial. Pode dizer respeito a uma sequência temporal, demográfica e/ou remeter à própria dinâmica das relações de parentesco. No imaginário social, a idade dessa geração intermediária mais comumente seria representada pelos 50 anos, mas com a crescente longevidade e dependendo do espaçamento geracional existente nas famílias, essa idade pode variar para mais ou até mesmo para menos. Alguns dos estudos destacados na revisão realizada por Jesus (2015) também apontam para essa questão. Mas o que Britto da Motta (2012) ressalta veementemente é a imutabilidade da condição de gênero que envolve essa geração pivô: “é importante que seja lembrado que muito da solidariedade intergeracional existente se realiza às custas do empenho emocional e do trabalho não remunerado das mulheres.” (2012:5) E ainda reforça que é impossível pensar a geração pivô dissociada da ideia de cuidado, apoio e no papel essencial desempenhado pelas mulheres.

O que torna imprescindível considerar a dimensão do poder envolvida nessas relações, na medida em que socialmente se definem atribuições que seriam próprias a cada idade e sexo na divisão do trabalho produtivo e reprodutivo. Como as mulheres ainda são consideradas as principais provedoras de cuidados nas famílias, a redução do número de filhos aumenta as chances de que uma quantidade cada vez maior de adultos não conte com a disponibilidade de parentes cuidadoras. (JESUS, 2015; WAJNMAN, 2012; BRITTO DA MOTTA, 2010 e 2012; BEGTSON, 2001) Independente da idade e posição na família, as mulheres assumem a condição de cuidadoras de parentes, sejam eles idosos, crianças e adolescentes ou portadores de alguma deficiência. (JESUS, 2015; WAJNMAN, 2012; BRITTO DA MOTTA, 2012 e 2010; MURPHY, 2010)

Essa condição não é abalada, nem mesmo diante da ampliação da escolarização e inserção feminina no mercado de trabalho. Diz respeito a mulheres de todos os segmentos socioeconômicos. Informações da PNAD sobre o tempo gasto com afazeres doméstico, por exemplo, mostram que ter um marido/companheiro e filhos aumenta consideravelmente o número de horas que as mulheres gastam fazendo trabalhos domésticos e de cuidados. Mesmo entre aquelas que trabalham

longas jornadas fora de casa. (OLIVEIRA e MARCONDES, 2015 e 2016; MARCONDES, 2016)

Um outro aspecto desse contexto de famílias multigeracionais remete às possíveis mudanças nas relações entre avós e netos. A percepção social sobre o envelhecer tem sido gradualmente modificada exaltando ou estimulando a emergência de idosos ativos, que desfrutam de boa saúde e que disputariam a atenção de um número cada vez mais reduzido de netos. (VICENTE, 2010; CASTILHO, 2003). Para além disso, vários estudos ao longo das últimas décadas têm discutido sobre a crescente importância dos idosos, particularmente de avós, na provisão do bem-estar, seja material ou emocional, de netos e filhos adultos. (OLIVEIRA, KARNIKOWSKI, 2012; PAULA et al., 2011; OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA et al., 2009; GOODMAN, SILVERTEIN, 2002 e 2006). Como por exemplo, situações em que pais abrigam filhas e netos, temporariamente ou não, após o rompimento de uma união conjugal. (MARCONDES, 2009; HENDERSON, HAYSLIP, SANDERS, LOUDEN, 2009). Ou ainda em situações de desemprego que acarretam grandes dificuldades de manutenção financeira. (VITALE, 2008, PEIXOTO, LUZ, 2007; COUTRIM, 2006).

Há também situações em que apenas os netos são abrigados pelos avós, que passam a assumir integralmente as responsabilidades de cuidados cotidianos desses. (GOODMAN, SILVERTEIN, 2002 E 2006; GOODMAN, POTTS, PASZTOR, SCORZO, 2004) Particularmente no Brasil o peso relativo desse tipo de domicílio com “geração pulada” tem apresentado leve crescimento nas últimas três décadas. Também são os domicílios em que a idade média dos avós é mais elevada.

De maneira geral, esses estudos, em grande parte qualitativos, apontam para a percepção de que a relação entre avós, filhos e netos não seria semelhante ao que foi para gerações passadas. A autoridade dos avós seria construída através do afeto e o poder de influência na vida dos netos dependeria do tipo de proximidade física (se moram perto ou coabitam) e de trocas cotidianas estabelecidas pela rede de parentesco. (OLIVEIRA, KARNIKOWSKI, 2012; PAULA et al., 2011; OLIVEIRA et al., 2009).

No que se refere a coabitação entre várias gerações de uma mesma família, até recentemente a concepção corrente era que em grande medida a formação de domicílios multigeracionais com presença de pessoas idosas estaria condicionada a combinação de aspectos econômicos, de saúde e de preferências pessoais dos

próprios idosos. (OLIVEIRA, 2011; CAMARANO, et. al., 2004). Algo que seria mais motivado por necessidade do idoso do que por escolha ou por estratégias familiares. Remete a uma percepção de vulnerabilidade e dependência da pessoa idosa, vista como um encargo para os outros membros adultos da família. (CAMARANO, et. al., 2004). A desconstrução dessa imagem é recente, a partir de evidências que questionam o real grau de dependência dos idosos brasileiros no final do século XX e início do XXI. (SAAD, 2004; CAMARANO, et. al., 2004) O que os dados censitários apontam é que a proporção de idosos responsáveis por domicílios tem crescido levemente, principalmente entre os domicílios unipessoais, mas que relativamente esse segmento ainda tem um peso importante enquanto parente da pessoa responsável. Contudo, também se constata um aumento não desprezível da participação do rendimento dos idosos nos orçamentos familiares.

Em grande medida isso decorre da estabilidade financeira que os idosos brasileiros foram adquirindo ao longo do tempo com a ampliação do acesso às aposentadorias e pensões, algo que foi crucial na redefinição da posição dos idosos nas redes familiares, diminuindo a percepção de que eles representam apenas um fardo a ser carregado pelos demais membros adultos da família. (SAAD, 2004; CAMARANO, et. al., 2004; COUTRIM, 2006). Além disso, na nossa história mais recente, particularmente nos momentos de crise econômica, a melhoria na situação de vida financeira dos idosos, de alguma forma, tem compensado a deterioração da situação econômica experimentada pelos segmentos jovens e adultos – devido a situações de maior instabilidade e/ou precarização dos empregos. Não sendo incomum situações em que filhos adultos permanecem ou retornam a ser economicamente dependentes de seus pais. Mesmo aqueles que não coabitam com seus pais idosos. (OLIVEIRA, 2011; COUTRIM, 2006)

## **2 - Aspectos metodológicos da pesquisa**

Esse trabalho se insere nas discussões sobre as famílias multigeracionais, abordando especificamente aqueles que compartilham o mesmo domicílio. O objetivo foi analisar as características de domicílios com presença de avós e netos, no período de 1991 a 2010, procurando apontar para as possíveis permanências e mudanças no perfil desses domicílios e refletir sobre as trocas intergeracionais que podem decorrer desses contextos. As informações utilizadas são provenientes dos microdados dos

Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010. Para tal foi necessário um sistemático e detalhado trabalho de manuseio das bases de microdados dos censos. A partir do quesito “Relação de parentesco com o chefe/responsável pelo domicílio” foi possível identificar quais e quantos parentes do responsável residiam no domicílio e remontar a composição domiciliar com as combinações que identificassem as gerações, tais como, domicílios com pais, filhos e netos. Muitas são as combinações possíveis entre gerações de parentes ascendentes, descendentes e colaterais, como demonstra a figura abaixo:

**Figura 1**  
**Matriz de relações de parentesco e não parentesco em um domicílio de 7 membros**

| Relação entre membros | responsável                    | conjuge                         | filho(a), enteado(a) | neto(a)            | pai,mãe, sogro(a) | irmão, irmã     | outro parente   | não parente   |
|-----------------------|--------------------------------|---------------------------------|----------------------|--------------------|-------------------|-----------------|-----------------|---------------|
| responsável           | -                              | conjuge                         | filho(a), enteado(a) | neto(a)            | pai,mãe, sogro(a) | irmão, irmã     | outro parente   | não parente   |
| conjuge               | conjuge                        | -                               | filho(a), enteado(a) | neto(a) ?          | pai,mãe, sogro(a) | outro parente   | outro parente ? | não parente   |
| filho(a), enteado     | pai, mãe, madrasta, padraсто   | pai, mãe, madrasta, padraсто    | -                    | filho ou sobrinho? | avô, avó ?        | tio (a)         | outro parente ? | não parente   |
| neto (a)              | avô/avó                        | avô/avó ?                       | pai, mãe ou tio (a)? | -                  | bisavô,bisavó?    | outro parente?  | outro parente ? | não parente   |
| pai/sogro             | filho(a), enteado(a), genro(a) | filho(a), enteado(a), genro(a)? | neto(a) ?            | bisneto(a) ?       | -                 | outro parente ? | outro parente ? | não parente   |
| irmão, irmã           | irmão, irmã                    | outro parente ?                 | sobrinho             | outro parente ?    | outro parente?    | -               | outro parente ? | não parente   |
| outro parente         | outro parente                  | outro parente ?                 | outro parente ?      | outro parente ?    | outro parente ?   | outro parente ? | -               | não parente   |
| não parente           | nao parente                    | nao parente                     | nao parente          | nao parente        | nao parente       | nao parente     | nao parente     | não parente ? |

OBS: as relações em letras pretas são declaradas e as em letra cinza são atribuídas por pressuposição. Onde há uma interrogação, essa relação deve ser testada segundo critério de plausibilidade.

Fonte: WAJNMAN, 2012: p.72

Infelizmente, essas possibilidades combinatórias foram diferenciadas para cada censo demográfico em função do nível de desagregação das categorias do quesito de relação com o chefe/pessoa responsável pelo domicílio. Como destacado por Wajnman (2012), os censos de 1970 e 1980 apresentaram um detalhamento mais restrito dos parentes residentes no domicílio do que nos anos de 1991, 2000 e, principalmente, 2010, que possibilitou inclusive ampliar a classificação das posições de cônjuge (mesmo sexo e sexo diferente) e de filhos (só do responsável, só do cônjuge, do responsável e do cônjuge). Dessa maneira, não foi possível incorporar informações sobre domicílios com avós e netos co-residentes para os períodos de 1970 e 1980.

### 3 - Características dos domicílios compostos por avós e netos

O Tabela 1 mostra a distribuição relativa dos domicílios brasileiros segundo as gerações de parentes residentes. Faz-se necessário destacar que a classificação de geração aqui trabalhada considerou apenas os parentes em linha ascendente e



descendente (bisavós, avós, pais, filhos, netos, bisnetos...) dada as maiores dificuldades de identificação do parentesco colateral (irmãos, tios, primos, sobrinhos) nas categorias de parentesco disponibilizadas por cada um dos censos utilizados, várias dessas posições foram mantidas agregadas sob a identificação de “outros parentes”.

Entre os anos de 1991 e 2010, segundo os dados censitários, a proporção de domicílios com composição multigeracional teve leves acréscimos, destacando-se a porcentagem daqueles compostos por avós que moravam com netos sem a presença dos pais (geração ausente), por exemplo.

**Tabela 1- Distribuição relativa dos domicílios segundo o número de gerações. Brasil, 1991-2010.**

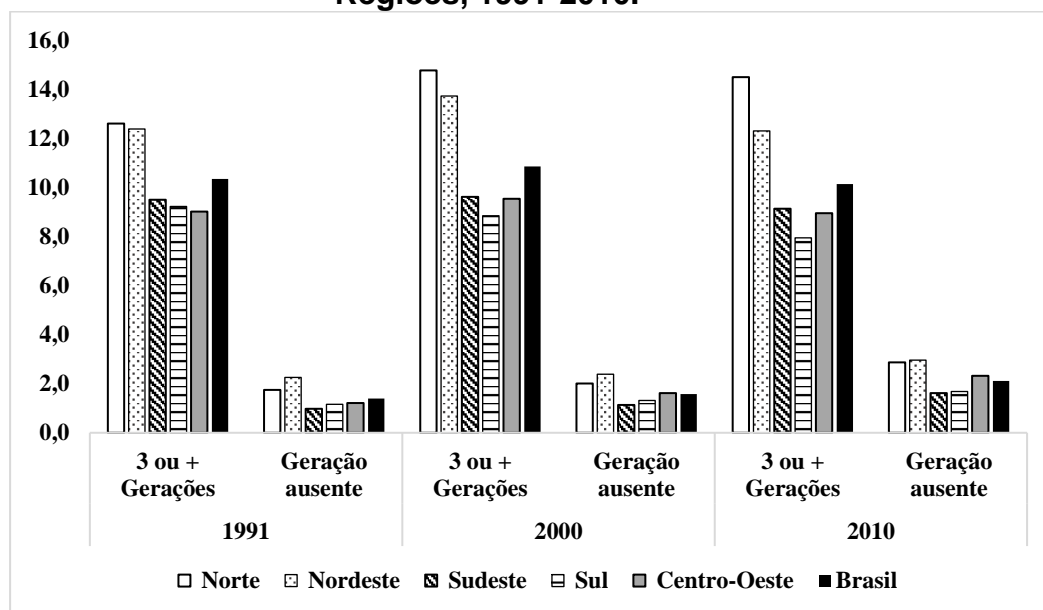
| Ano         | Uma geração | Duas gerações | Três ou mais gerações | Geração ausente | Total |
|-------------|-------------|---------------|-----------------------|-----------------|-------|
| <b>1991</b> | 16,6        | 71,6          | 10,4                  | 1,4             | 100,0 |
| <b>2000</b> | 19,8        | 67,7          | 10,9                  | 1,6             | 100,0 |
| <b>2010</b> | 26,6        | 61,1          | 10,2                  | 2,1             | 100,0 |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1991-2010.

Esse resultado é coerente com os achados do estudo feito por Wajnman (2012) que considerou em sua classificação outros integrantes na identificação das gerações. A autora destaca que os acréscimos nas proporções relativas dos domicílios com apenas uma geração (que incluem as unipessoais, os casais sem filhos, parentes e/ou não parentes corresidentes sem a presença de um núcleo reprodutivo) e daqueles contendo três ou mais gerações é esperado, na medida em que refletem as mudanças na dinâmica demográfica, tais como, os ganhos em sobrevivência da população, a redução drástica da fecundidade e as transformações na nupcialidade, que aliados a fatores de ordem econômica têm ajudado a moldar e evidenciar uma gama mais diversa de estratégias de coresidência entre familiares.

Observa-se a partir do Gráfico 1, abaixo, que as Regiões Norte e Nordeste abrigam a maior proporção de domicílios multigeracionais nos três anos destacados, contudo, o peso relativo desse tipo de arranjo só apresentou incrementos na Região Norte, se distanciando ainda mais das demais áreas geográficas.

**Gráfico 1 – Proporção (%) de domicílios com 3 ou mais gerações e com avós e netos, sem a presença dos pais (Geração ausente). Brasil e Grandes Regiões, 1991-2010.**



Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1991-2010.

No que se refere a proporção de domicílios com avós e netos sem a presença dos pais, novamente o peso relativo do Norte e Nordeste se destacam, mas com ligeira predominância dessa última Grande Região. Outra região que merece menção é a Centro Oeste em que esse tipo de arranjo praticamente dobrou no período em análise. (Gráfico 1)

Essa tendência em crescimento da convivência entre múltiplas gerações de uma mesma família, segundo Harper (2006) não pode ser tomada como um fato dado para todas as famílias, apesar do aumento da sua frequência. E mesmo para aqueles que a vivenciam, pode ser uma experiência pontual, em um terminado momento do curso de vida. A autora destaca que estudos apontaram que a possibilidade de se inserir em famílias multigeracionais mais complexas (acima de 4 gerações sobreviventes) varia de forma significativa entre os países ocidentais. Em um dos estudos mencionados pela autora concluiu-se que um indivíduo norte-americano teria mais chances de conviver com um filho e um de seus genitores do que um europeu. Apesar da expansão da sobrevivência, as cadeias multigeracionais nas famílias ainda seriam curtas, não mais do que 4 gerações vivas. E as chances de coabitação entre essas gerações seriam ainda menores tanto entre norte-americanos quanto europeus.

Ao considerar apenas os domicílios multigeracionais com presença de avós e netos observa-se que há uma mudança bem expressiva na participação da composição que continha avós e netos sem a presença dos pais. (Tabela 2)

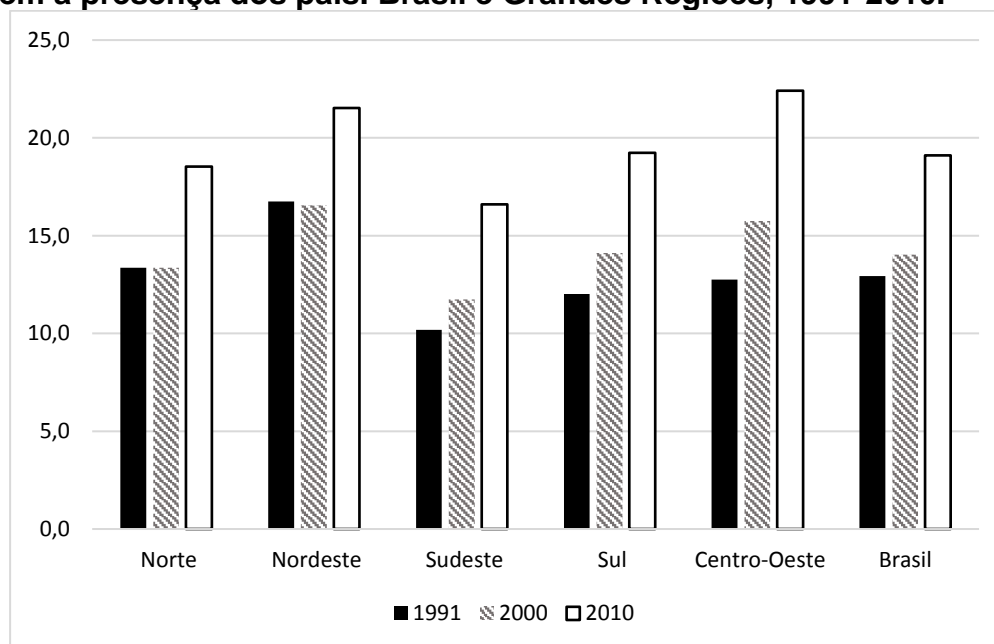
**Tabela 2 – Distribuição relativa dos domicílios multigeracionais, segundo a presença de avós e netos. Brasil, 1991-2010.**

| Ano  | Avós, pais e netos | Avós e netos | Avós, pais, netos e outros parentes | Avós, netos e outros parentes | Total |
|------|--------------------|--------------|-------------------------------------|-------------------------------|-------|
| 1991 | 85,3               | 12,2         | 1,8                                 | 0,7                           | 100,0 |
| 2000 | 84,3               | 13,7         | 1,7                                 | 0,3                           | 100,0 |
| 2010 | 79,2               | 18,0         | 1,7                                 | 1,1                           | 100,0 |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991-2010.

Ao avaliar a proporção de domicílios apenas com avós e netos sem a presença dos pais (com e sem outros parentes) vê-se de forma mais clara o aumento relativo expressivo ocorrido entre 2000 e 2010 em todas as Grandes Regiões, mas de forma mais expressiva na Região Centro Oeste. A proporção observada para essa região em 2010 ultrapassa a do Nordeste até então exibia os maiores percentuais desse tipo de arranjo. (Gráfico 2)

**Gráfico 2 – Proporção dos domicílios multigeracionais com avós e netos sem a presença dos pais. Brasil e Grandes Regiões, 1991-2010.**



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991-2010.

Em revisão da literatura sobre o tema de avós que criam seus netos, Mainetti e Wanderbroocke (2013) destacam a recorrência de estudos voltados para avaliar as condições de bem-estar e saúde dos avós que se encontram nessa situação. Grande parte desses estudos, segundo as autoras, destacam que a experiência tem impactos negativos sobre a saúde dos avós, seja pelas pressões financeiras ou pela própria rotina de cuidados demandados. Contudo, também é inegável a percepção de satisfação, principalmente, das avós no desempenho desse papel. No próprio estudo qualitativo realizado pelas autoras, foram observados relatos em que se mesclam sentimentos de satisfação e de desgaste com as responsabilidades que deveriam ter sido assumidas pelos pais e não por elas. Mainetti e Wanderbroocke (2013) ainda discorrem que o assumir integralmente a criação dos netos ocorre dentro de um processo gradativo em que essas avós já tinham algum tipo de responsabilidade e que com o passar do tempo as leva a assumir completamente o papel de cuidadora.

Aspectos negativos para a saúde das avós que cuidam dos netos também são apontados pelo estudo realizado por Goodman e Silvertein (2006), contudo, a intensidade do estresse e da insatisfação com a condição de cuidadora dos netos varia conforme o segmento étnico-racial das avós. As afroamericanas e as latinas tenderiam a ser as mais satisfeitas com a sua condição de cuidadora dos netos do que as norte-americanas brancas. As autoras acreditam que em certa medida essa diferença se explique por questões culturais, no qual as brancas tenderiam a valorizar e ter maiores expectativas de que seus filhos fossem capazes de assumir com maior independência e gerenciamento individual a própria família de procriação. Entre as latinas e as afroamericanas contar com o suporte das redes de parentesco não seria algo inesperado ou condenável. As trocas intergeracionais dentro da rede familiar mais ampla seria parte constituinte das dinâmicas dessas famílias.

Um dos pontos concordantes nas discussões desses estudos é a percepção negativa sobre os pais/ as mães ausentes, que invariavelmente estariam ausentes por problemas com drogas, por não terem um emprego, por serem muito jovens e não conseguirem assumir as responsabilidades parentais. (MAINETTI, WANDERBROOCKE, 2013; GOODMAN, SILVERTEIN, 2002 e 2006). Em um estudo sobre circulação de crianças no Brasil, utilizando dados das PNADs, Serra (2003) também aponta para algumas dessas situações entre as motivações para o fato da criança estar morando em um domicílio sem a presença da mãe biológica.

Observa-se na Tabela 3, abaixo, que majoritariamente nos domicílios multigeracionais com a presença de avós e netos a pessoa responsável é a própria avó ou o avô, sendo que menos de 1% desses arranjos tem por responsável o/a neto/a. O que torna plausível supor que nessas composições os netos devem ser ainda muito jovens.

**Tabela 3 – Distribuição relativa da população residente em arranjos domiciliares multigeracionais com presença de avós e netos, segundo a pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 1991-2010.**

| Ano  | Avós responsáveis pelo domicílio | Netos responsáveis pelo domicílio | Outro parente responsável pelo domicílio | Total |
|------|----------------------------------|-----------------------------------|--|-------|
| 1991 | 70,5                             | 0,5                               | 29,1                                     | 100,0 |
| 2000 | 79,4                             | 0,0                               | 20,6                                     | 100,0 |
| 2010 | 78,4                             | 1,1                               | 20,5                                     | 100,0 |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1991-2010.

De fato, como mostra a Quadro 1, a seguir, os domicílios em que os avós são os responsáveis, a idade média dos netos residentes ficou abaixo dos 10 anos de idade nos três anos destacados. Em média, são mais jovens do que os netos que residem em domicílios que não são de responsabilidade dos avós. Importante destacar que são nesses arranjos de responsabilidade dos avós que se concentram aqueles em que a geração dos pais está ausente. Ou seja, em grande medida são idosos cuidando de crianças que ainda estão na fase da infância.

Como esperado, nos raros arranjos de responsabilidade dos netos é que se encontram os avós com idades médias bem mais elevadas, acima dos 70 anos de idade. (Quadro 1)

No que diz respeito aos domicílios cuja responsabilidade é de outro parente que não avô/avó ou neto/a, assim como acontece com os netos residentes, a idade média dos avós foram mais elevadas se comparadas aos domicílios de responsabilidade dos avós. Majoritariamente a pessoa responsável desses domicílios é o pai/a mãe dos netos. (Quadro 1)

**Quadro 1 – Idades médias da pessoa responsável, dos avós e dos netos residentes nos domicílios multigeracionais presença de avós e netos, segundo a pessoa responsável pelo domicílio. Brasil e Grandes Regiões, 1991-2010.**

|   | Ano  | Brasil | Norte | Nordeste | Sudeste | Sul  | Centro-Oeste |
|---|------|--------|-------|----------|---------|------|--------------|
| <b>Avós responsáveis pelo domicílio</b>         |      |        |       |          |         |      |              |
| Responsável                                     | 1991 | 60,0   | 58,5  | 61,4     | 59,5    | 59,1 | 57,9         |
|   | 2000 | 59,5   | 57,9  | 61,0     | 59,1    | 58,9 | 57,5         |
|   | 2010 | 60,1   | 58,0  | 61,0     | 60,3    | 59,8 | 58,6         |
| Netos   | 1991 | 6,0    | 4,9   | 6,0      | 6,3     | 6,1  | 5,7          |
|   | 2000 | 6,7    | 5,4   | 6,7      | 7,0     | 6,9  | 6,4          |
|   | 2010 | 9,6    | 8,3   | 9,7      | 9,9     | 9,6  | 9,4          |
| <b>Netos responsáveis pelo domicílio</b>        |      |        |       |          |         |      |              |
| Responsável                                     | 1991 | 26,7   | 25,9  | 25,7     | 27,4    | 26,7 | 25,4         |
|   | 2000 |        |       |          |         |      |              |
|   | 2010 | 24,5   | 22,0  | 24,6     | 24,6    | 24,9 | 24,8         |
| Avós  | 1991 | 77,7   | 75,5  | 77,7     | 78,0    | 78,2 | 76,0         |
|   | 2000 |        |       |          |         |      |              |
|   | 2010 | 74,9   | 72,2  | 76,6     | 74,7    | 75,1 | 71,8         |
| <b>Outro parente responsável pelo domicílio</b> |      |        |       |          |         |      |              |
| Responsável                                     | 1991 | 40,3   | 38,6  | 40,2     | 40,8    | 39,9 | 38,9         |
|   | 2000 | 41,8   | 39,3  | 41,7     | 42,5    | 41,6 | 39,9         |
|   | 2010 | 40,7   | 37,5  | 40,2     | 41,5    | 41,2 | 38,7         |
| Avós  | 1991 | 69,6   | 68,8  | 70,8     | 69,2    | 69,9 | 67,8         |
|   | 2000 | 70,3   | 68,9  | 71,7     | 70,0    | 70,5 | 67,9         |
|   | 2010 | 69,0   | 66,7  | 70,4     | 68,8    | 69,9 | 66,2         |
| Netos   | 1991 | 8,8    | 7,2   | 7,9      | 9,6     | 8,7  | 8,3          |
|   | 2000 | 10,7   | 8,5   | 9,8      | 11,7    | 10,4 | 10,0         |
|   | 2010 | 13,8   | 11,8  | 13,6     | 14,5    | 13,6 | 12,6         |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1991-2010.

Quando se observam outras características da pessoa responsável pelos arranjos multigeracionais nota-se que, majoritariamente, esses arranjos são chefiados por homens. Mas com proporções que se alteram expressivamente com o passar das décadas. Em 2010, as proporções se aproximam, havendo uma inversão nos arranjos cuja a responsabilidade é de avós em que a maioria passa a ter chefia feminina. (Quadro 2)

No que diz respeito à cor, nos domicílios chefiados por avós a pessoa responsável em maioria é preta ou parda nos três períodos destacados. Em 2010, os arranjos chefiados por netos e aqueles de responsabilidade de outro parente que não avó ou neto apresentou proporções semelhantes entre brancos e negros (pretos e pardos agrupados). (Quadro 2).

**Quadro 2 – Distribuição relativa dos responsáveis por domicílios multigeracionais com presença de avós e netos segundo características selecionadas. Brasil, 1991-2010.**

| Características do Responsável                              | 1991  |       |        | 2000  |       |        | 2010  |       |        |
|---|-------|-------|--------|-------|-------|--------|-------|-------|--------|
|   | Avós  | Netos | Outros | Avós  | Netos | Outros | Avós  | Netos | Outros |
| <b>Faixa etária</b>   |       |       |        |       |       |        |       |       |        |
| <35   | 0,8   | 86,7  | 32,1   | 1,0   |       | 26,9   | 0,8   | 88,0  | 32,9   |
| 35-59   | 48,0  | 13,3  | 63,2   | 49,4  |       | 66,9   | 48,7  | 10,9  | 61,2   |
| 60+   | 51,2  | 0,0   | 4,7    | 49,5  |       | 6,2    | 50,4  | 1,1   | 5,9    |
|   | 100,0 | 100,0 | 100,0  | 100,0 |       | 100,0  | 100,0 | 100,0 | 100,0  |
| <b>Sexo</b>   |       |       |        |       |       |        |       |       |        |
| Feminino  | 31,1  | 23,1  | 16,5   | 37,9  |       | 25,0   | 52,0  | 44,9  | 45,6   |
| Masculino   | 68,9  | 76,9  | 83,5   | 62,1  |       | 75,0   | 48,0  | 55,1  | 54,4   |
|   | 100,0 | 100,0 | 100,0  | 100,0 |       | 100,0  | 100,0 | 100,0 | 100,0  |
| <b>Cor</b>  |       |       |        |       |       |        |       |       |        |
| Branca  | 43,8  | 56,8  | 56,7   | 45,5  |       | 59,2   | 39,6  | 48,3  | 50,8   |
| Negra   | 55,7  | 41,2  | 42,0   | 53,5  |       | 39,3   | 58,8  | 49,1  | 47,1   |
| Outras  | 0,5   | 1,9   | 1,4    | 1,0   |       | 1,5    | 1,6   | 2,6   | 2,1    |
|   | 100,0 | 100,0 | 100,0  | 100,0 |       | 100,0  | 100,0 | 100,0 | 100,0  |
| <b>Escolaridade</b>   |       |       |        |       |       |        |       |       |        |
| Sem Instrução a   |       |       |        |       |       |        |       |       |        |
| Fundamental incompleto                                      | 94,2  | 44,2  | 70,1   | 71,9  |       | 47,6   | 76,6  | 28,5  | 40,1   |
| Fundamental completo a Médio Incompleto                     | 1,6   | 17,8  | 8,8    | 22,3  |       | 26,4   | 10,1  | 21,3  | 18,3   |
| Médio Completo a Superior Incompleto                        | 3,0   | 28,9  | 13,9   | 3,8   |       | 17,5   | 9,9   | 37,9  | 29,7   |
| Superior Completo   | 1,3   | 9,1   | 7,1    | 1,9   |       | 8,4    | 3,4   | 12,3  | 12,0   |
|   | 100,0 | 100,0 | 100,0  | 100,0 |       | 100,0  | 100,0 | 100,0 | 100,0  |
| <b>Condição de trabalho</b>                                 |       |       |        |       |       |        |       |       |        |
| Trabalha  | 51,4  | 88,7  | 88,2   | 53,8  |       | 21,5   | 54,3  | 44,9  | 26,5   |
| Não trabalha  | 48,6  | 11,3  | 11,8   | 46,2  |       | 78,5   | 45,7  | 55,1  | 73,5   |
|   | 100,0 | 100,0 | 100,0  | 100,0 |       | 100,0  | 100,0 | 100,0 | 100,0  |
| <b>Quintil de Renda Domiciliar per capita</b>               |       |       |        |       |       |        |       |       |        |
| 1o. quintil   | 20,9  | 4,1   | 11,9   | 18,6  |       | 10,4   | 16,2  | 7,0   | 9,7    |
| 2o. quintil   | 25,3  | 13,6  | 18,5   | 27,4  |       | 18,4   | 24,6  | 15,3  | 17,3   |
| 3o. quintil   | 23,3  | 23,7  | 22,2   | 23,8  |       | 22,0   | 26,1  | 20,3  | 24,6   |
| 4o. quintil   | 18,7  | 26,8  | 23,3   | 18,3  |       | 24,0   | 19,0  | 27,4  | 22,8   |
| 5o. quintil   | 11,7  | 31,7  | 24,1   | 11,8  |       | 25,2   | 14,1  | 30,0  | 25,6   |
|   | 100,0 | 100,0 | 100,0  | 100,0 |       | 100,0  | 100,0 | 100,0 | 100,0  |
| <b>Participação da Renda Individual na Renda Domiciliar</b> |       |       |        |       |       |        |       |       |        |
| 0 até 5%  | 6,0   | 8,0   | 4,3    | 9,0   |       | 10,5   | 10,8  | 40,2  | 15,4   |
| 5% até 25%  | 18,7  | 6,3   | 7,8    | 13,4  |       | 10,0   | 13,8  | 16,8  | 17,3   |
| 25% até 50%   | 30,8  | 28,3  | 27,7   | 32,7  |       | 32,5   | 35,9  | 25,7  | 37,7   |
| 50% até 75%   | 16,9  | 29,9  | 30,8   | 18,6  |       | 28,0   | 16,8  | 11,9  | 19,8   |
| Acima de 75%  | 27,6  | 27,6  | 29,4   | 26,4  |       | 18,9   | 22,8  | 5,4   | 9,9    |
|   | 100,0 | 100,0 | 100,0  | 100,0 |       | 100,0  | 100,0 | 100,0 | 100,0  |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1991-2010.

A diferença na escolaridade dos responsáveis também é marcante. Enquanto nos domicílios chefiados por avós a esmagadora maioria não possui o fundamental completo, pouco mais de 2/5 dos responsáveis netos ou outros parentes possuíam o ensino médio ou superior completo em 2010 (Quadro 2). Esse resultado não

surpreende dada a própria composição etária desses grupos. Os arranjos chefiados pelos avós concentram os responsáveis com idades mais avançadas, que abarcam gerações com médias de anos de estudo muito baixas no Brasil. Ao longo das décadas a distribuição etária da população por escolaridade tem se modificado em decorrência de mudanças na estrutura e no sistema de ensino que ampliaram o acesso e a permanência das gerações mais jovens e adultas na escola, elevando gradativamente a escolaridade da população.

Quanto à condição de ocupação, nota-se que os avós que são responsáveis por seus domicílios em maioria ainda estavam ocupados no mercado de trabalho e a renda auferida por eles representa de 1/3 a metade da renda mensal domiciliar. Esse tipo de arranjo está mais concentrado nos 2º e 3º quintis de renda domiciliar per capita. (Quadro 2)

Apesar dos domicílios chefiados por netos ou por outros parentes que não avós e netos estarem em proporções maiores nos quintis mais elevados de renda e a renda auferida pela pessoa responsável representar de metade a 2/3 da renda mensal domiciliar, há uma inversão na condição de ocupação em 2010, em que a maioria das pessoas responsáveis por esses domicílios não estava ocupada à época do censo. Esse dado chama atenção e tem nos levado a aprofundar na exploração das fontes de renda além do trabalho que são acessadas pelos responsáveis desses domicílios. (Quadro 2)

### **Considerações Finais**

Para finalizar, observamos por esse breve conjunto de dados apresentados e pelas discussões levantadas que a coexistência entre várias gerações de uma mesma família pode fazer parte das experiências de uma proporção cada vez maior de pessoas. Nem sempre essa coexistência implicará em coresidência, o que não exclui as possibilidades de estabelecimento de trocas, principalmente quando os laços envolvem parentes descendentes e ascendentes. Os fluxos de apoio que ocorrem entre diferentes gerações, que podem ser de diversos tipos (financeiro, emocional, de cuidados), nem sempre são trocas mensuráveis e sempre pode haver alternância dos indivíduos no papel de provedores e receptores de apoio. O que motivaria e manteria as trocas intergeracionais entre membros de uma família seria um conjunto de fatores que incluiriam desde laços de afeto e sentimentos de reciprocidade, até incentivos econômicos ou sanções negativas pautadas pelos deveres que se considera que



cada membro geracional teria em relação a outro. Nesse sentido, não apenas saber quantos são, de que composição são, mas também entender como se dão e os significados atribuídos às relações entre gerações pode nos levar a avanços mais significativos para o entendimento das trocas intergeracionais, tanto daquelas que ocorrem dentro quanto fora dos domicílios, no presente e para o futuro.

## Referências Bibliográficas

ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M.; BARROS, L. F. W. **A Família DINC no Brasil:** algumas características socioeconômicas. Rio de Janeiro: IBGE. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2010. 34 p. (Textos para discussão, n. 30).

BENGTSON, V. L. Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. **Journal of Marriage and Family**, 63(1), 1–16. 2001.

BRITTO DA MOTTA, A. A família multigeracional e seus personagens. **Educação e Sociedade**, v. 31, n. 111, p. 435-458, abr.-jun. 2010.

BRITTO DA MOTTA, A. A geração pivô, intermediária na família. Alda Britto da Motta. XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE. 2012 . 24p.

BRITTO DA MOTTA, A. Envelhecimento e relações entre gerações. In: LONGHI, M.; ALMEIDA, M.C.L. **Etapas da vida:** jovens e idosos na contemporaneidade. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. pp. 81-104.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L., PASINATO, M. T.. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos brasileiros:** muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004

CAMARANO, A.A. Família: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, Ana Amélia.(org.) Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro, IPEA, 2004b.

CAMARANO, A.A.; KANSO, S.; LEITÃO E MELLO, J. “Como Vive o Idoso Brasileiro?” In Camarano, Ana Amélia. (org.) Os Novos Idosos Brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004a.

CASTILHO, T. Família e Relacionamento de Gerações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES SESC, 1., 2003, São Paulo. Anais...São Paulo: SESC, 2003.

CAVENAGHI, S.; BERQUÓ, E.. Perfil socioeconômico e demográfico da fecundidade no Brasil de 2000 a 2010. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO, 6, Lima, Peru, 2014. Anais... Rio de Janeiro, RJ: ALAP, 2014.

COUtrim, R.M.E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 367-390, maio/ago. 2006.

FULLER-THOMPSON, E.; MINKLER, M. Central american grandparents raising grandchildren. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**, 29; 5-18, 2007.

GOODMAN, C.; POTTS, M.; PASZTOR, E.; SCORZO, D. Grandmothers as kinship caregivers: private arrangements compared to public child welfare oversight. **Children and Youth Services Review**, 26, 287-305; 2004.

GOODMAN, C.; SILVERTEIN, M. Grandmothers raising grandchildren: ethnic and racial differences in well-being among custodial and coparenting families. **Journal of Family Issues**, 27, 1605-1626; 2006.

GOODMAN, C.; SILVERTEIN, M. Grandmothers raising grandchildren: family structure and well-being in culturally diverse families. **The Gerontologist**, 42, 676-689. 2002.

HARPER, S. Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. **Povos e culturas**. Os avós como educadores. Lisboa: CEPCEP, Universidade Católica Portuguesa, 25-38, 2006.

HENDRSON, C.E.; HAYSLIP Jr., B; SANDERS, L.M.; LOUDEN, L. Grandmother-grandchild relationship quality predicts psychological adjustment among youth from divorced families. **Journal of Family Issues**, 30(9), 1245-1264. 2009.

JESUS, J. C.. **Gerações Sanduíche no Brasil**. Dissertação de mestrado em Demografia. Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. 2015.

LEHR, U. A Revolução da Longevidade: sociedade, na família e no indivíduo. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 1, p. 7-36, 1999.

MAINETTI, A. C. & WANDERBROOKE, A. C. N. S. Avós que assumem criação dos netos. **Pensando Famílias**, 17(1), 87-98; 2013.

MARCONDES, G.S.. Continuidades e rupturas: relações entre avós, pais e netos em contextos de separação e recasamentos. XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA: SOCIOLOGIA: CONSENSOS E CONTROVÉRSIAS. Rio de Janeiro, RJ, 2009.

MARCONDES, G. S.; O cuidar de si e os cuidados para com os outros: os desafios para avançar na conquista e consolidação de direitos. In: Até onde caminhou a revolução de gênero no Brasil? Implicações demográficas e questões sociais. ABEP, 2016. p.199-212.

MITCHELL, W. Research Review: the role of grandparents in intergenerational support for families with disabled children: a review of the literature. **Child and Family Social Work**, 12, 94-101. 2007.

MURPHY, M. J. Family and kinship networks in the context of ageing societies. **Ageing in Advanced Industrial States** (Vol. 8, pp. 263-285). Springer. 2010.

OLIVEIRA, A.R.V.; GOMES, L.; TAVARES, A.B.; CÁRDENAS, C.J.. Relação entre avós e seus netos no período da infância. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, 12 (2), 149-58. 2009.

OLIVEIRA, A.R.V.; KARNIKOWSKI, M.G.O.. Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, 15(2), 145-158. 2012.

OLIVEIRA, M. C. F. A. ; VIEIRA, J. M.; MARCONDES, G. S.. Cinquenta anos de relações de gênero e geração no Brasil: mudanças e permanências. In: ARRETCHE,

Marta (org), **Trajetórias das Desigualdades**: como o Brasil mudou nos últimos 50 anos. São Paulo: Editora UNESP. 2015. p. 309-334.

OLIVEIRA, M.C.F.A.; MARCONDES, G.S. Novas e velhas tensões na articulação entre trabalho e família nas regiões metropolitanas. In: XIV Encontro Nacional da ABET, Campinas, SP, 2015.

OLIVEIRA, M. F. A.; MARCONDES, G. S. Os tempos para o trabalho e para a família na população feminina em áreas metropolitanas brasileiras. *Ideias*, Campinas, SP, v. 7, p. 61-88, 2016.

OLIVEIRA, M.R.. **As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos**. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de Brasília. 2011.

PAULA, F.V.; SILVA, M.J., BESSA, M.E.P.; MORAIS, G.L.A., MARQUES, M.B. Avós e netos no século XXI: autoridade, afeto e medo. **Revista Rene**, Fortaleza, 12(n. esp.):913-21. 2011.

PEIXOTO, C. E.; LUZ, G. M.. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos PAGU** (29), jul.-dez. 2007 : 171-191. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n29/a08n29.pdf>>. Acesso em: 08.07.2013.

SAAD, P. M. Transferência de Apoios Intergeracionais no Brasil e na América Latina. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos brasileiros**: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

VICENTE, H.M.T. **Família multigeracional e relações intergeracionais**: perspectiva sistêmica. Tese de Doutorado em Ciências da Saúde. Universidade de Aveiro. Portugal. 2010. 130p.

VITALE, M. A. F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, Ana R.; VITALE, Maria A. F. **Família. Redes, laços e políticas públicas**. São Paulo, Ed. Cortez. 2008. p. 93-105.

WAJNMAN, S. **Demografia das famílias e dos domicílios brasileiros**. 2012. Tese Professor Titular. FACE/UFMG. 2012.